



**Pobre velha música!
Não sei porque agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.**

**Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.**

**Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora.**



Dorme enquanto eu velo...
Deixa-me sonhar...
Nada em mim é risonho.
Quero-te para sonho,
Não para te amar.

A tua carne calma é fria em meu querer.
Os meus desejos são cansaços
Não quero ter nos braços
Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme, dorme,
Vaga em teu sorrir...
Sonho-te tão atento
Que o sonho é encantamento
E eu sonho sem sentir.



INICIAÇÃO

**Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo**

... ..

**O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.**

**Vem a noite, que é a morte,
E a sombra acabou sem ser.
Vais na noite só recorte,
Igual a ti sem querer.**

**Mas na Estalagem do Assombro
Tiram-te os Anjos a capa.
Segues sem capa no ombro,
Com o pouco que te tapa.**

**Então Arcanjos da Estrada
Despem-te e deixam-te nu.
Não tens vestes, não tens nada.
Tens só teu corpo, que és tu.**

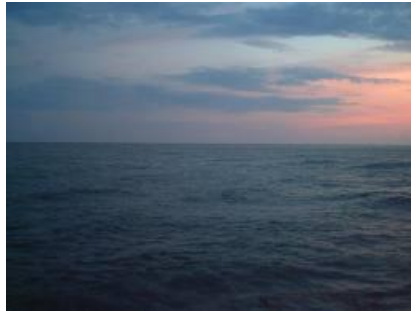
**Por fim na funda caverna,
Os Deuses despem-te mais.
Teu corpo cessa, alma externa,
Mas vês que são teus iguais.**

... ..

**A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não estás morto entre os ciprestes**

... ..

Neófito não há morte.



**Tudo o que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.**

**Que nojo de mim me fica
Ao olhar para o que faço!
Minha alma é lúcida e rica,
E eu sou um mar de sargaço –**

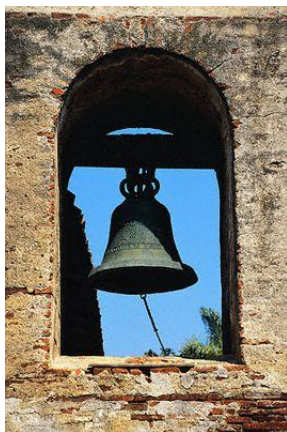
**Um mar onde bóiam lentos
Fragmentos de um mar de além...
Vontades ou pensamentos?
Não o sei e sei-o bem.**



**Se eu, ainda que ninguém,
Pudesse ter sobre a face
Aquele clarão fugace
Que aquelas árvores têm,**

**Teria aquela alegria
Que as coisas têm de fora,
Porque a alegria é da hora;
Vai com o sol quando esfria.**

**Qualquer coisa me valera
Melhor que a vida que tenho –
Ter esta vida de estranho
Que so de sol me viera**



**Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.**

**E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida**

**Por mais que me tanjas perto,
Quando passo sempre errante,
És para mim como um sonho,
Sóas-me na alma distante,**



Pouco importa de onde a brisa
Traz o olor que nela vem.
O coração não precisa
De saber o que é o bem.

A mim me basta nesta hora
A melodia que embala.
Que importa se sedutora,
As forças da alma cala?

Quem sou, para que o mundo perca
Com o que penso a sonhar?
Se a melodia me cerca
Vivo só o me cercar...



Contemplo o lago mudo
Que uma brisa estremece
Não sei se penso em tudo
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,
Não sinto a brisa mexê-lo.
Não sei se sou feliz
Nem se desejo sê-lo.

Trémulos vincos risonhos
Na água adormecida.
Porque fiz eu dos meus sonhos
A minha única vida?

